



A história da implantação da TV em uma cidade interiorana: memórias de um homem apaixonado pela tecnologia.

**Margareth Maria Mendes
Carvalho, Doutora em Psicologia
Clínica pela PUC/SP, é professora
de Psicologia do Mestrado em
Comunicação Social da UNIPAC-
MG. margotcar@city10.com.br**

Resumo

Este artigo tem como objetivo dar o depoimento de um professor de Física e Eletrônica, Sr. Valter Rettore, que atuou de forma competente e apaixonada na implantação da TV no município de Antônio Carlos-MG, cidade interiorana da Serra da Mantiqueira. Trata-se de um trabalho de história oral, em que a maior fonte de referência é a memória de uma pessoa, que reconstrói, a partir de suas lembranças, a implantação e o desenvolvimento da História da TV mineira.

Palavras-Chave: Estações, antenas, aparelhos de TV.



Introdução

No artigo aborda-se a História da TV no município de Antônio Carlos, Minas Gerais, que começou com Valter Rettore. Sr. Valter, hoje com sessenta e oito anos de idade, relembra os primeiros momentos da aventura de implantar a “nova” tecnologia numa cidade interiorana da Serra da Mantiqueira.

Hoje, totalmente deficiente visual, descreve, de memória, os passos da chegada dos primeiros sinais de um novo tempo em Antônio Carlos.

Trata-se de um trabalho de história oral. Como definição, história oral “implica uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado. A presença do passado no presente imediato das pessoas é a razão de ser da história oral”. (BOM MEIHY, 1996, p.18).

O material resultante deste depoimento foi obtido em uma entrevista com o Sr. Valter Rettore, em Antônio Carlos no dia dezoito de outubro de 2006, constituindo na principal fonte para a reconstrução da trajetória da história da TV em Minas Gerais, e sua inserção na sociedade. Durante muitos anos Sr Valter estudou sobre a tecnologia da TV em revistas especializadas de sua época, buscando entender cada vez mais a evolução da Indústria da Televisão. Como técnico e professor instalou antenas e consertou muitos aparelhos de TV nas montanhas de Minas.

Poucas pessoas na atualidade se lembram da história dessas transmissões. Um sistema de antenas interligadas percorriam

as montanhas mineiras e as imagens quando chegavam eram de péssima qualidade.

Segundo DE FLEUR, (1993, p.131)

“No final dos anos 40, quando se começou a comprar receptores domésticos, muitos não conseguiam receber uma imagem clara. Era muito frustrante para os que haviam acabado de adquirir um dispendioso receptor. As razões para a recepção ruim foram bem entendidas. Por um lado, os transmissores primitivos não eram bastante potentes. Se a pessoa morasse perto da estação haveria poucas limitações, mas para os residindo a certa distância, a recepção podia ser ruim; a imagem era freqüentemente imprecisa, distorcida ou fraca. Até um automóvel passando por perto criaria interferência elétrica e encheria a tela com “chuvisco” ou fazia a imagem ficar rodando. Além disso, o fato de o sinal de televisão percorrer linha reta reduzia a qualidade da recepção, ou a impossibilitava de todo, por trás de edifícios grandes, do lado de lá de morros ou montanhas, e em posições parecidas. a imagem era freqüentemente imprecisa, distorcida ou fraca. Até um automóvel passando por perto criaria interferência”.

Aparelhos de televisão eram colocados em lugares estratégicos para que o público pudesse apreciar o novo veículo de comunicação. Para a população essa novidade foi um grande sucesso. Num primeiro momento imperam a curiosidade, o amorismo e o entusiasmo por essa nova tecnologia.

Vários profissionais vindos do rádio, intelectuais, empresários, políticos e comerciantes se aventuraram na construção da História da TV mineira, que de alguma maneira reflete a história da TV brasileira.

Esta entrevista se refere a um depoimento de um homem apaixonado por imagens, cores e tecnologia que de uma maneira singular e original contribuiu para o desenvolvimento regional da TV em Minas Gerais.



Entrevista sobre a história da TV em Minas Gerais

Margareth: Sr Valter gostaria de saber através de suas memórias um pouco sobre a história da TV em Minas Gerais, principalmente em Barbacena e Antônio Carlos.

Valter: Em 1950, nós tivemos a primeira televisão em preto e branco, evidentemente, que foi em São Paulo. Veja, 1950, o Brasil, apesar de tudo sempre manteve um certo pioneirismo, em diversas áreas, como foi até hoje, apesar de muitos falarem mal do nosso país. Mas eu me lembro que era a TV Tupi, a rede associada do famoso Assis Chateaubriand, jornalista até hoje lembrado, quem criou a primeira TV em São Paulo, o canal 3, seguido da TV Tupi, do Rio, o canal meia dúzia, seguido da terceira emissora, para nosso orgulho, a Itacolomi, de Belo Horizonte, terceira emissora do país. A Itacolomi foi instalada no topo do Edifício Acaiaca. E mais tarde foi para a Serra do Curral. A seguir, veio, se não me falha a memória, a TV Itapoã, também da Rede associada, em Salvador, na Bahia, e a quinta foi o canal 2, de Recife, que não me lembro o nome. A partir daí, a proliferação foi constante e todos os anos apareciam novas estações. Mas por essa época, em 1955, se não me falha a memória, surgiu a TV Rio, canal 13, no Rio de Janeiro e posteriormente a TV Continental, canal 9. E a TV Rio eu tenho uma recordação gratificante porque foi a primeira emissora que chegou a Minas Gerais. Do Rio de Janeiro, ou seja, naquela época, aliás, tem um detalhe que eu devo comentar para quem não tem conhecimento da área, a televisão tem um alcance ótimo, ou seja, essa é a razão pela qual as antenas transmissoras têm que ser colocadas nos topos das montanhas, ou dos edifícios mais altos, porque como um raio de luz, a onda não faz curvatura. Ou seja, ao alcance ótico, em outras palavras, se você subir na antena transmissora até onde a sua vista alcançar, teoricamente, chega a onda da televisão em boa qualidade. Existe na realidade uns trinta por cento de refração além do horizonte, mas já não é confiável, aparecem chuviscos, estas coisas. Por essa razão, as transmissões originárias, primitivas se prendiam exclusivamente a área urbana de São Paulo,



Rio de Janeiro, Belo Horizonte e a outras capitais. E a exemplo do americano, que já em 1952, fez a primeira transmissão costa a costa, unindo o Atlântico ao Pacífico, mas como foi isso possível se as ondas tinham um alcance limitado beirando a linha do horizonte? Foram criados os famosos links, ou seja, antenas parabólicas gigantescas. Quem acha que a utilização da antena parabólica é moderna, é um engano. Na verdade, a antena parabólica hoje, tal como a conhecemos, que recebe o sinal de satélites, tem pouco mais de vinte anos de existência, mas na década de cinquenta, o americano já utilizava essas antenas muito maiores do que nós utilizamos hoje, e colocadas em pontos estratégicos, e sempre a grandes alturas, de maneira que recebia da antena número um, e transmitia da antena número dois para à número três, e assim sucessivamente, até chegar e vencer grandes distâncias. Por exemplo, se não me falha a memória, em 1959, a TV Rio, foi a primeira, canal 13 do Rio de Janeiro, foi a primeira emissora, claro, a rede associada, também já tinha feito isso entre São Paulo e Rio de Janeiro, e a TV Rio, creio que foi devido a uma imitação da rede associada, colocou uns links, ou seja, antenas parabólicas na Serra de Petrópolis, com a primeira antena recebendo do Morro da Urca no Rio de Janeiro. De Petrópolis jogava para a Serra da Mantiqueira, da Serra da Mantiqueira jogava para Ressaquinha, de Ressaquinha jogava para Ouro Branco, de Ouro Branco jogava dentro de Belo Horizonte, na Serra do Curral.

Numa média de setenta / oitenta quilômetros, existiam, assim, as estações repetidoras, mas, você naturalmente perguntaria: Por que a razão da utilização dessas superfícies parabólicas gigantescas? A resposta é simples: quem estuda a Matemática e a Física sabe que a figura geométrica chamada parábola é uma figura muito particular, é uma curva que tem um ponto em comum chamado foco, sobre o qual convergem todos os raios incidentes sobre essa superfície parabólica. Ou seja, essa superfície metálica utilizada para receber as ondas de um transmissor, focaliza essas várias ondas que chegam, vamos dizer, esses vários raios que chegam. Na superfície parabólica, são concentradas num único ponto chamado foco. Portanto, há neste ponto, uma somatória de energia, amplificando o sinal de forma extraordinária e dispensando o uso de transmissores



de alta potência, muito caros. Essa é a razão, até hoje, e o princípio é o mesmo nas antenas parabólicas de satélites, porque os satélites não são capazes de operar com transmissores potentes, são transmissores de potência, por exemplo, que não chega a um watt de potência. Isso é muito pouco. Uma estação média de FM, por exemplo, a do Hélio Costa, tem dez mil watts, uma estação como a Itacolomi, trabalhavam com quarenta mil watts.

Margareth: Sei.

Valter: Você vê, potências excessivas, ou seja, requerem equipamentos muito pesados para serem colocadas em órbitas. Então, essa é a razão, para quem não conhece da aplicação, da utilização das superfícies parabólicas, porque a energia que vem do satélite é ínfima, mas concentrada no foco da parábola, se torna uma energia útil, permitindo uma recepção de alto nível, em termos de áudio e vídeo. Bom, de forma geral, essa é a explicação. Então na década de cinquenta, final da década de cinquenta, chegaram os primeiros sinais de TV a Minas Gerais, a Itacolomi tinha o alcance só dentro de Belo Horizonte, praticamente, ou talvez, em algumas cidades próximas a Belo Horizonte, por que, repito, o transmissor ficava no alto do Edifício Acaiaca, uma proeza da engenharia mineira, na época, porque, quarenta andares construídos na década de quarenta, em Minas Gerais é algo notável. Não é? E para Minas Gerais, perdão, para nossa região aqui de Antônio Carlos e Barbacena, não chegava nada porque a Serra do Curral bloqueava totalmente o sinal que saía da antena do alto do Edifício Acaiaca, visto, a Serra está interposta entre o edifício Acaiaca e Antônio Carlos. Bom, agora nós chegamos realmente ao ponto que você me perguntou sobre a televisão em Antônio Carlos e Barbacena. Barbacena contou, conta até hoje com uma topografia muito favorável, em especial o famoso Monte Mário, que tem uma altitude relativamente respeitável, relativamente a nossa região, e permitia-se lá no alto do Monte Mário, ser captado as estações do Rio de Janeiro, a TV Rio e a TV Tupi, eu me lembro que nesta ocasião, um rádio-amador de sobrenome Oliveira, me falha o nome dele, era rádio-amador, que foi um dos precursores da televisão em Barbacena, juntamente com o Odon Cirilo dos Passos, da Loja Espaços, já falecido também. Foi o primeiro a retransmitir a TV Rio em Barbacena. Ele tinha



uma loja de eletrodomésticos, próximo à antiga Telefônica, quase em frente, mas já é falecido há muitos anos. Era uma pessoa muito agradável, um comerciante muito ativo. Foi ele o primeiro a retransmitir a TV Rio em Barbacena, e com um aparelho de baixa potência, uma transmissão relativamente sofrível, mas nem por isso, não digno de crédito, de valor.

Em 1960, em meados de sessenta, me lembrei, Ary Oliveira Cruz, um rádio-amador que foi um dos pioneiros, juntamente com o Odon Cirilo dos Passos, ambos, creio que já falecidos, foram os pioneiros da televisão em Barbacena. Foi colocado no Monte Mário, uma antena rômbrica, que é uma antena unifilar, quer dizer, fio, lembrando um losango, um doce de leite como a gente chama assim na gíria, um losango. Essa antena é uma antena de fácil confecção, construída com quatro mastros, formando um losango, e tem alto ganho, própria para receber sinais fracos, provenientes de longa distância, como no caso de Barbacena para o Rio de Janeiro. As primeiras transmissões foram feitas com aparelhos montados por um técnico de Barbacena que se chamava, José Mauro, um técnico muito esforçado. Ele montou os primeiros transmissores, em Barbacena, com um circuito de uma revista, uma revista chamada Rádio e Televisão Monitor, editada em São Paulo. Eu tenho vários números dela, até hoje guardados, tenho uma estante, uma parede cheia delas. Eu comprava muito dessas revistas técnicas, era o único meio que eu dispunha para me aperfeiçoar. Mas, essas primeiras transmissões foram da Tupi, e posteriormente, da TV Rio, mas eram transmissores que somente poderiam operar em preto em branco, aliás, a televisão em cores, não existia no Brasil, já existia nos Estados Unidos. Mas no Brasil, iniciou-se, em 1964, e eu fui um dos primeiros a assistir, lá no Monte Mário, a TV Globo, com as primeiras transmissões a cores, do padrão de cores. Antigamente, um detalhe, as emissoras emitiam, quando entravam no ar, por uma hora, quarenta minutos, ou mais, as imagens de prova, que geralmente eram formadas de círculos ou figuras geométricas, preto e branco, depois em cores também, para que os técnicos pudessem ajustar os televisores, atualmente, não fazem mais isso.

Margareth: Sei. E havia muitas pessoas trabalhando juntas?



Valter: Bom! Os técnicos eram poucos, relativamente, tinham como hoje, ocorrem muitos curiosos, que se aventuravam.

Margareth: E alguns aparelhos de TV foram colocados, na cidade, em lugares estratégicos para a população?

Valter: Sim. Por exemplo, na loja Frigider, na Rua XV. Essa loja existia próximo à atual Caixa Econômica Federal. Os Irmãos Oliveira, que trabalhavam na revenda de carros e peças, trabalhavam também na revenda de automóveis, colocavam sempre televisores funcionando, claro, para propaganda, para atrair a clientela.

Margareth: E como a população reagia a essa novidade?

Valter: Bom! É o mesmo que ocorre hoje com o computador.

Margareth: Sei...A grande novidade.

Valter: Era a novidade da época, todo mundo anunciava, depois eu vou lhe relatar um fato histórico muito curioso, também ocorrido comigo...

Margareth: E é interessante, por que as pessoas mais preocupadas com a televisão, eram os comerciantes famosos de Barbacena, não?

Valter: Exato.

Margareth: E eles foram os primeiros a venderem televisão?

Valter: Foram os primeiros.

Margareth: Sei...

Valter: Com a morte do meu pai, em 1960, a minha mãe, ficou muito abalada e meu irmão Nery e eu, resolvemos ir a Belo Horizonte comprar um televisor Philips, aqueles caixotões antigos, de válvulas. Ela tinha vinte e sete válvulas.

Na verdade, nós nem sabíamos se ia funcionar aqui. O vendedor, naturalmente, com o interesse da revenda, nos garantiu e nos forneceu a antena, inclusive. Mas qual foi a nossa decepção ao chegarmos aqui, nenhum sinal na televisão. E ficamos assim, por aproximadamente um ano, com o aparelho parado, mas o reverso da moeda, foi que, a parte útil, foi que eu, em especial, me dediquei neste afã, de fazer a televisão funcionar, para alegrar um pouco a minha mãe.

E comecei a estudar, a comprar revistas técnicas, livros, tenho uns até hoje, que a qualquer momento eu posso mostrar para você, livros da época, muitos deles em espanhol, não havia em português, em exceção de um curso prático de TV da GE,



editado em português, que me valeu muito, e, é, nessa ocasião, eu já havia adquirido um certo conhecimento num nível razoável, mas um relativo conhecimento sobre a venda, a construção e fabricação de antenas. E daí fui dando os meus primeiros passos, e qual foi a nossa surpresa, digo, a nossa, o meu irmão Nery e eu, quando uma noite, quando ligamos o aparelho, girando os canais, com a antena que veio acompanhar o aparelho, de um canal 4, nós recebemos a primeira imagem, com muito chuvisco, com muito chiado, da TV Rio, transmitida no canal 6, de Lafaiete, de Ouro Branco, através destes links, que eu relatei a pouco.

Margareth: Sei. Que emoção o senhor deve ter sentido!

Valter: E, o fato curioso, o fato histórico que eu estava me lembrando agora a pouco, a minha mãe tinha uma empregada que a acompanhou por quarenta anos, e que era, na verdade, uma segunda mãe para todos nós, e era de ascendência indígena. E ela nos criticava, ela falava meio engraçado, “meu filho, quando que vai aparecer gente nessa caixa que fica chiando, fervendo como a água que vai fazer café...”.

O chiado, né, ela nos matava de rir, mas não acreditava jamais que poderia aparecer pessoas naquela caixa chiante, como ela chamava. E a primeira imagem captada, me lembro perfeitamente, nos causou uma emoção muito grande, e imediatamente, no dia seguinte, eu fiz, cortei e projetei uma antena para o canal 6, e a imagem melhorou 80% do que estava, por que a antena era inadequada.

Valter: E pela primeira vez, (choro...) desculpe...

Margareth: Fique tranqüilo...

Valter: Pela primeira vez, fizemos a nossa mãe sorrir permitindo a ela assistir os primeiros programas da TV.

Margareth: Foi a primeira televisão aqui em Antônio Carlos?

Valter: Sim.

Margareth: A sua família foi a primeira a assistir televisão?...

Valter: Exatamente. Certo dia meu primo Jorge, que na época era prefeito de Antônio Carlos, passando em frente, viu a antena em cima da casa, ele nos parou e perguntou: “Primo, como é, eu estou sabendo que vocês estão conseguindo



captar a televisão, como é que está?”. Nós o convidamos para entrar, mostramos, ele ficou maravilhado, e se prontificou imediatamente a adquirir também um aparelho, foi compromisso de eu fazer uma antena para ele, com muito prazer, eu me ofereci. Mais do que isso, ele mostrou interesse em saber se haveria condições de colocar, de fazer com que todas as pessoas pudessem desfrutar dessa nova maravilha. Eu expliquei para ele, que era relativamente difícil, porque os sinais vinham de longe, e o alcance era ótico, ou seja, teria que ser construída uma estação repetidora numa montanha, e isso requeriria equipamentos e linhas de energia elétrica, construção de abrigos. Ele não se intimidou e somente nos disse que se haveria condições que era para eu fazer, que ele estaria pronto a financiar, pela prefeitura, com o patrimônio público do município, todas as despesas.

Então, nessa época, eu renovei os meus estudos, procurei livros, adquiri livros e revistas técnicas, e sem nunca haver, tanto eu como o meu irmão Nery, haveremos colocado a mão propriamente dita num equipamento transmissor, quer dizer, olhados as suas entranhas, o seu circuito. Resolvemos montar a qualquer custo um aparelho deste. Para a nossa surpresa, eu venho encontrar, num livro em espanhol, do meu irmão Nery, um livro de rádio-amadores, um transmissor para fonia, ou seja, para rádio-amador, para voz, que operava em VHF. VHF é uma sigla que significa Very High Frequency, ou, frequência muito alta, essa frequência começa em cinquenta megahertz, é uma frequência alta. Eu analisei se esse aparelho era valvulado, era possível adquirir as válvulas em São Paulo e analisei, se ele operava, se era projetado para operar em cinquenta megahertz, porque não, ele poderia operar a cinquenta e quatro megahertz, que era o canal dois, ou seja, uma pequena modificação nas suas bobinas, para menor, para menos indutância. Eu poderia levar esse transmissor, que o circuito estava prontinho no livro, para, alterá-lo, em vez de transmitir voz, transmitir imagem e som.

E isso feito. Pedimos o material de São Paulo, eu montei o equipamento e a primeira experiência foi feita aqui, na casa de minha mãe. Mas tinha um problema: como acrescentar a imagem no transmissor? A voz era fácil de colocar um microfone, mas nós não íamos transmitir voz, queríamos retransmitir imagem.



Novamente, com um pouquinho de raciocínio, de persistência, eu decidi que poderia aproveitar um televisor e retirar um sinal de vídeo do próprio televisor e injetar nesse transmissor. O projeto feito, mãos à obra! Realizamos em uma semana, o transmissor estava funcionando, montamos a antena aqui no quintal, e, como testar? Nessa época, o João Faria, era a pessoa que tinha o segundo televisor da cidade, adquiriu uma Telefunken valvulada, nos Irmãos Oliveira, e pegava por Juiz de Fora, uma antena que eu fiz para ele, a antena era colocada ali, no alto da Igrejinha, através de uma linha que chegava lá no alto até na casa dele. Nós chegamos à noite na casa dele, Nery, meu irmão, e eu, falamos: “João, nós viemos pedir permissão para fazer um teste aqui no seu televisor”. Ele nos acolheu com aquela característica receptividade dele, sempre muito bem disposto, e quando nós pedimos: “dá licença que nós vamos colocar no canal dois”. Ele estranhou, e falou: “mas eu recebo no cinco, você mesmo que fez a antena aí, tá no cinco...”. eu falei: “mas vamos colocar no canal dois para ver o que está acontecendo”. Colocamos no canal dois, e apareceu a imagem muito boa, com som e imagem, a mesma imagem do canal cinco. Ele ficou surpreso, falou: “Mas como é isso, de onde veio esse canal dois? ”. Nós lhe revelamos, para a sua surpresa: João, nós estamos transmitindo lá da nossa casa. “Mas o que é isso, como que vocês conseguiram isso?”. “Nós queríamos realmente fazer um teste. Isso é um pedido do Jorge Rettore, o prefeito, nós vamos implantar uma repetidora aqui em Antônio Carlos, possivelmente, nós vamos, você vai ganhar aqui, toda população, um canal extra, além deste”. Não é necessário dizer a alegria e o espanto dele, a admiração dele. Mas esse foi o primeiro passo. Após isso, comunicamos o Jorge, o Jorge nos deu todo apoio, e mandou construir, no alto do cemitério velho, eu que escolhi o local, o local que eu realmente queria fica na estrada da Cachoeira, lá no Morro grande, mas lá ficaria muito fora de mão, por que lá é muito mais alto, e a recepção seria magnífica. Mas para começarmos um empreendimento, eu decidi pelo antigo cemitério velho. E o Jorge construiu o abrigo, ele mesmo trouxe dos matos, da carvoaria, alguns postes, foi improvisado uma rede elétrica, com fios de alumínio, para ficar tudo barato, dentro dos moldes da Prefeitura, os moldes orçamentários, e, dentro de dez dias, aproximadamente,



foi inaugurada, me parece, se não me falha a memória, em meados de 1961. Não posso precisar o mês, mas eu creio que no mês de junho ou julho, pelo frio que fazia na época, creio que foi isso. .

Margareth: Então foi inaugurada a nossa primeira transmissão.

Margareth: A Prefeitura da cidade que arcou com tudo?

Valter: Tudo. Nós compramos o equipamento via correio, numa empresa de São Paulo, e eu anotei o circuito desse livro, apesar dele, repito, não ser próprio para imagem, só para rádio-amador, mas eu previ que poderia ser feita a modificação, e felizmente deu certo. Esse foi o nosso primeiro transmissor, e, eu na época, consegui adquirir um televisor de segunda mão, americano. Nessa ocasião, já morava nessa outra casa de cá, com a esposa, e já poderíamos ter o controle efetivo sobre a transmissão de dia e de noite, porque a televisão ficava sempre ligada para ver se tudo estava funcionando direitinho. Assim foi até sessenta e quatro, quando, é, final de sessenta e três, vieram os boatos sobre a televisão em cores, que deveria ser implantada. Em São Paulo foram efetuadas as primeiras transmissões, com sucesso, e logo após, o Rio, e por sorte nossa, a TV Rio também, começou a transmitir em cores. Mas a TV Globo surgiu em 1964, com tendência a disputa comercial, com a TV Tupi das redes associadas, querer dominar o mercado. Adquiriu equipamento americano de primeira qualidade, transmissores muito potentes. Eu assisti as primeiras transmissões, lá no Monte Mário, em Barbacena, as imagens que eu vi, colorida ainda, e isso me ferveu a mente, pensando: “por que não colocar os transmissores também em Antônio Carlos?”. Mas os transmissores de Barbacena, não repetiam sinal colorido, porque eram do tipo que a gente chama transmissão demodulada, é um termo técnico que não dá para explicar, mas teria que ser feito o sistema por conversão ou conversão dupla, que não altera o nível das cores. Bom, a TV Globo entrou no ar com cores, mas em Barbacena, não era retransmitido o sinal em cores. Pedi ao Jorge para retirar do ar o transmissor, que eu tentaria transformá-lo num repetidor em cores, e não escondo que ele, de certa forma, e com justa razão ficou com dúvida se eu seria capaz de conseguí-lo, mas na minha cabeça, eu estaria certo que conseguiria, apesar de não ter como testar, não tinha TV a cores. Aliás, não

tinha nenhuma aqui em Antônio Carlos, tinha uma ou outra em Barbacena, mas não funcionava.

Então, durante cinco dias, trabalhei dia e noite no transmissor, aqui nessa casa, a minha esposa brigava comigo porque eu ficava até altas horas da madrugada, remontando e modificando o circuito, e após concluir a modificação que eu passei de um transmissor demodulado, como era o de Barbacena, para um sistema de conversão, aliás, dupla conversão por um cristal, para não haver qualquer desvio de frequência. Hoje, eu imagino como que eu consegui isso. Mas, ao final de cinco dias, eu consegui efetuar as modificações, e observando no televisor, eu notava que, a princípio não eram todos os programas coloridos, eram um ou outro, ou alguma propaganda era colorida, você notava na televisão preto e branco, que uma imagem colorida, o preto era mais preto, o branco era mais branco, ou seja, o contraste era mais efetivo, mais real. Eu percebi que o meu transmissor deveria estar operando, porque eu estava observando essas alterações, as imagens eram mais nítidas, mais contrastadas, mas não tinha como provar. Foi então, que ocorreu o fato muito gratificante, você se lembra, naturalmente, do Império da Música, uma loja que tinha na descida do INPS, em frente à estátua do Bias, não sei se ainda existe.

Margareth: Acho que esta loja não existe mais...

Valter: Não? Em frente ao jardim dos macacos, é dos macacos. Os proprietários gostavam muito de mim, porque, modéstia à parte, eu era um técnico muito conceituado, e de vez em quando eu consertava alguns aparelhos de TV. Eu era, de certa forma, muito conceituado, porque, graças a Deus, sempre fui muito honesto, e procurava me aperfeiçoar cada dia, com novas revistas, novas tecnologias, sempre atualizado, e as lojas, em Barbacena, em especial, o Império da Música, o Fausto, eram três irmãos, o Fausto, Rômulo e me falha o nome do mais novo, mas não importa. Eu me lembro que eu cheguei, num sábado de manhã, faltavam dez minutos para fechar a loja, ele me recebeu como de costume, de braços abertos, falou: “Ô Valter, você por aqui, vamos tomar um cafezinho...”.



Valter: Eu disse para ele: “Ô Rômulo, eu vim lhe pedir um favor”. “Como não! Em que lhe podemos ser útil?” Eu falei: “Por incrível que pareça, eu creio que consegui transformar o nosso repetidor de Antônio Carlos para a transmissão ou retransmissão em cores”. Ele deu uma gargalhada: “Valter, você é meu amigo, nós te consideramos tanto, mas não leve a mal, Antônio Carlos, uma cidade, sem menosprezar, mas Barbacena, que é Barbacena...”, e ligou uma televisão a cores, uma GE antiga, maior do que esse sofá, mas gigantesca, cada válvula imensa, funcionava em Barbacena o canal 11 e o canal 13, colocou nos dois canais, “Olha aqui, gira, gira, gira, gira para o lado e para o outro e não dá cor de jeito nenhum, como é que em Antônio Carlos vai ter televisão a cores?”. Eu falei: “Rômulo, eu te dou razão para você duvidar, mas pela nossa amizade, dá para nós fazermos o teste, dá para você fechar a loja? Hoje é sábado. Que tal você sair comigo, eu sei que você é um pescador famoso, e você vai conhecer o meu irmão, o doutor Moacir Rettore, pescador, e vocês vão ter muita coisa para conversar. Nós vamos na casa dele fazer um teste. E aí ele falou: “bom Valter, nessas condições eu vou lá para conhecer o seu irmão, para nós conversarmos e tratarmos alguma pescaria juntos. Está bom?”

Eu fiquei muito agradecido. Ajudei um dos ajudantes dele a transportar aquele caixotão, a televisão GE, imensa. Colocamos na caminhonete F-350 da Ford, que ele usava para fazer entregas. E veio ele, com o irmão dele, o técnico e eu, espremidos na cabine, e conversando sobre diversos assuntos. E chegamos lá, sem avisar o Moacir. O Moacir ficou surpreso. Eu falei: “Ô Moacir, eu não te avisei...”. Apresentei meu irmão para ele, “este é um pescador igual a você, ele veio aqui só para te conhecer, mas em parte, vou aproveitar aqui a visita, ele está vindo aqui, gentilmente a um pedido meu, para nós fazermos um teste, uma televisão em cores, na sua casa. “Mas aqui não pega televisão em cores, mano, você sabe disso!”. Eu falei: “Mas nós vamos fazer um teste”.

Ele ficou surpreso. “Ah, tudo bem! Mas eu não tenho televisão em cores! Você sabe.” “Mas ele trouxe”. Tiramos a televisão em cores, colocamos no chão da sala dele, ao lado da televisão dele, uma Philco Predicta, giratória, me lembro dela direitinho, estava sintonizada no nosso canal aqui. E, nós ligamos a televisão, no



chão, eu e o técnico, eu nunca havia manuseado uma televisão a cores, sabia a função dos controles apenas pela literatura técnica, mas o rapaz ligou a televisão, a imagem apareceu, e a televisão acendeu, eu coloquei ela no 11 e no 13 e não pegou nada, por que estava apenas com a antena interna da televisão. A televisão no chão, eu coloquei no canal dois, mas o rapaz falou: “É no oito!” Eu falei: “Não, nós vamos testar no nosso canal aqui”. “Mas, será que pega?” Eu falei: “Vamos ver”. Estiquei a antena interna em V, apareceu a imagem em preto e branco muito boa, e o rapaz ficou admirado: “Mas que imagem boa! O som tá limpinho, muita boa...” Da TV Globo. E eu fui na sintonia, eu girei a sintonia para a direita, e apareceu aquela imagem chuviscada com muito confete. Confete é termo popular para chuvisco colorido, eu fui no contraste e reduzi no mínimo, fiz uma sintonia fina, a imagem ficou lisinha, limpa, o som bom, as cores muito claras. O rapaz ficou admirado. O Rômulo, de costas para a televisão, conversando com meu irmão Moacir, pergunte ao Moacir que ele deve se lembrar disso. Ele estava com uma xicrinha, tomando um cafezinho, e falando: “Olha nós vamos em Três Marias, dia tal, eu vou levar o meu irmão, vou levar o cicrano e fulano, e tal, e nós vamos trazer uns tantos dourados de lá, e não sei o que..”. E o rapaz: “Senhor Rômulo, faça o favor, olha para cá!”. Quando ele olhou, ele soltou a xícara, caiu, quebrou a xícara, molhou a calça, o pé...

Margareth: Risos....

Valter: Risos..... Ele levou um susto! Ele chegou assim, agachou: “É inacreditável o que eu estou vendo, Valter, “Você é digno de nota, e eu vou fazer uma menção especial. À noite eu vou na casa do prefeito, na época era o Simão Bias Fortes, prefeito de Barbacena, falar a seu respeito, mas primeiro eu quero te pedir permissão, se você for chamado, você vai lá. Eu falei: “Com muito prazer, Rômulo, eu ia, desde que eu não vá gerar nenhum atrito técnico com o José Mauro, que é meu particular amigo, mas nós podemos trabalhar em conjunto, em benefício da coletividade barbacenense, por que não? Eu aceitaria o convite”. E dito e feito. Na manhã seguinte, às oito horas da manhã, fui acordado por um opala preto, buzinando em frente a minha casa. A Célia que atendeu o motorista perguntando se era aqui que morava o senhor Valter Rettore, que estava sendo chamado pelo

senhor prefeito de Barbacena, para uma conversa particular. Eu pedi que ele aguardasse uns poucos minutos, um tempo para eu tomar um cafezinho, e fui lá, para atender ao convite do Simão. Ele fez algumas referências elogiosas à minha pessoa, seguindo o Rômulo, e pediu se eu poderia colaborar nesse mesmo sentido. Eu falei: “senhor prefeito, com muito orgulho, com muito prazer, eu estou à sua disposição, e gostaria de lhe dizer que o senhor tem um técnico muito gabaritado, o José Mauro, meu particular amigo, e nós podemos trabalhar sim, para o senhor. E assim fizemos. Nessa época existia uma pequena, digamos, interferência, não sei se é bem o termo, mas eu vou dizer, talvez seria melhor ver o espírito de ajuda da Aeronáutica, que um Tenente chamado, Tenente Paranof, que era especialista em comunicações, e teria se oferecido também para implantar a TV colorida em Barbacena. Mas o senhor prefeito, não sei por que razão, manteve o pedido original para mim, e indiretamente com o técnico dele e ele disse que na cidade de Santa Rita do Sapucaí, existia uma escola de eletrônica muito famosa.

Margareth: E o senhor foi lá, nessa escola?

Valter: Fui lá, a mando da Prefeitura, para adquirir um equipamento, e após acertarmos os ponteiros, eu me decidi que seria correto eu me retirar, para deixar somente o técnico oficial, o meu amigo José Mauro, encarregado das transmissões, porque achei que não seria eticamente correto a minha permanência, embora mantivesse o meu espírito de ajuda à disposição do senhor prefeito, em agradecimento. Após isso, o pessoal da loja Silmo, me procurou uma tarde, para saber sobre a televisão a cores. Eu falei: “infelizmente eu não posso te mostrar por que eu não tenho o aparelho, mas posso te levar na casa do meu amigo Hélivio. O falecido Hélivio já tinha adquirido um aparelho, não me lembro de qual empresa, de qual firma, mas fomos no Hélivio, ele ficou admirado, estava funcionando direitinho, e dono da loja Silmo conseguiu vender aqui vários aparelhos em uma semana. Ficou muito contente e não sei se através dele, o prefeito de Ibertioga, na semana seguinte, ou uns quinze dias após, veio procurar-me para a mesma finalidade, para ver se colocava lá um transmissor também em cores, lá em Ibertioga. Foi o segundo aparelho que eu montei, para a Prefeitura de

Ibertioga. E nesta ocasião eu comuniquei a este rapaz, eu estou com a memória muito ruim, da Silmo, eu falei: “Olha, Ibertioga vai colocar o repetidor, eu já estou com ele pronto, eu vou levá-lo tal dia, e se você quiser, aproveita, é uma oportunidade comercial que você pode faturar alguns aparelhos. Não te prometo nada, mas espero que funcione”. Ele me agradeceu muito e falou: “Valter, vamos fazer o seguinte, você vai tal hora, né”. Eu falei: “Vou às oito horas da manhã, o prefeito vai mandar uma viatura da Prefeitura me apanhar, com o aparelho e tal, e nós vamos instalar, pela parte da tarde, já deve estar funcionando realmente”. Por volta das quatorze horas, o pessoal da loja Silmo chegou lá, e levou, se eu não me engano, oito ou nove televisores, e vendeu todos eles, lá em Ibertioga”.

Quando ele foi lá na torre, no local do cruzeiro, e viu o equipamento, ele falou: “Valter, quando você for embora, você passa na minha loja, que eu preciso conversar com você”. Eu falei: “perfeitamente”. “Naturalmente ele quer que eu vá instalar em alguma outra cidade”, foi o meu pensamento. Mas eu estava equivocado. Sete horas da noite eu fui à loja, a loja estava com as portas já cerradas, mas uma moça, uma funcionária me atendeu muito gentilmente, eu falei: “eu precisava falar com o senhor Osmar”, apelido dele mesmo, “diga que é o Valter de Antônio Carlos”. “Ah, sim, ele está esperando”. (choro...) Eu entrei no escritório, eu falei: “Osmar, eu estou às suas ordens”. Falou: “Valter, eu te chamei pelo seguinte: eu não estou te pagando, mas você foi muito amável, muito gentil em me avisar. Poderia ter dado preferência a outro comerciante, por que você é amigo de todos, e todos são seus amigos, mas vamos fazer uma coisa: Você me falou que não tem uma televisão a cores, então você escolhe uma em uma prateleira, qualquer uma que você escolher, está escolhido”. (choro...).

Margareth: Que bacana! Mas o senhor mereceu mesmo, o senhor é que trouxe essa possibilidade para tantas cidades, não é mesmo?

Valter: Mas foi um presentão porque, daí para frente eu poderia aperfeiçoar cada vez mais a nossa torre, e poder montar futuros aparelhos, porque eu tinha como observar a qualidade da imagem transmitida no meu próprio aparelho, quer dizer, automaticamente, ele veio beneficiar também Antônio Carlos, porque eu pude aprimorar mais e mais o nosso repetidor. De tal forma que, ultimamente, alguns

anos antes de sofrer este violento acidente que me obrigou a interromper as atividades, o nosso sinal chegava até São João Del Rei. Por incrível que pareça, o repetidor nosso chegava até São João Del Rei.

Margareth: Que bacana!

Valter: Uma parte de Barbacena assistiu a TV Bandeirantes, quando ela foi inaugurada em Belo Horizonte, ela colocou um repetidor em Ouro Branco, e eu fui o primeiro a retransmitir a TV Bandeirantes, aqui em Antônio Carlos, e coloquei uma antena jogando para Barbacena, na Rua do Campo, na Rua Sete, na Rua Bias Fortes, grande parte da cidade voltada para Antônio Carlos. Foram os primeiros a receber a TV Bandeirantes, via Antônio Carlos. Lembrar de todos esses fatos me deixa muito emocionado.

Margareth: Com certeza.

Valter: De forma que, esse é um resumo da história, eu não acrescentei e nem retirei nada, são fatos reais... E comprovados...

Margareth: Sr Valter, como era a programação nesta época, na televisão?

Valter: Pois não!

Margareth: Eram poucas horas, ou tinha um horário certo de funcionamento, como que era?

Valter: Era usual as emissoras interromperem por volta de zero hora. Por exemplo, a TV Tupi tinha uma música de encerramento, uma música de criança, que fala, da criança que tem medo do boi, da cara preta...

Margareth: Sei, sei...

Valter: Você lembra dessa música?

Margareth: Sim.....

Valter: Tocava essa música com a imagem de prova, e o locutor que dizia: “Bom dia! Tal hora, nós reiniciaremos a...”

Margareth: Geralmente começava a programação a que horas?

Valter: Geralmente, oito horas da manhã, algumas por volta de dez horas. As emissoras com menos recursos, por volta do meio-dia. Por exemplo, a TV Industrial, de Juiz de Fora, uma das pioneiras, também, da região, como televisão, não como repetidora, embora ele fosse, para mim, como repetidora, a TV

Excelsior, que surgiu para concorrer com a TV Globo. A TV Excelsior tinha uma programação, de altíssimo nível, em termos de shows, artistas, e filmes selecionados, para concorrer com a recém-inaugurada Globo. Essa TV Industrial retransmitiu, durante algum tempo, no canal dez, em Juiz de Fora, a TV Excelsior. E ela também era uma emissora, quer dizer, gerava programas locais, de Juiz de Fora, com noticiários regionais de Juiz de Fora, notícias de Barbacena, de Santos Dumont, de toda região da Zona da Mata.

Faziam telejornais... Me lembro de uma cantora famosa, gente, mineira, que morreu jovem, gente, que coisa! A memória está me falhando muito! A Célia se lembra. A cantora tinha uma voz possante, muito forte, me lembro dela, ao vivo, na TV Industrial de Juiz de Fora.

Margareth: Qual a época da TV Industrial, o senhor se lembra?

Valter: Da Industrial já era na época, na década de oitenta... Ela surgiu, aliás, surgiu não, desapareceu devido à TV Globo, por que a TV Globo, embora funcionasse no canal cinco, ela sentiu, que a TV Industrial era, de certa forma, era uma concorrente local, porque claro que as pessoas iriam dar preferência ao noticiário local, ao invés do noticiário da TV Globo. Quer dizer, isso é uma dedução minha, eu não sei...

Margareth: Durante quantos anos o senhor ficou envolvido com a televisão?

Valter: Bom! Para dizer a verdade, quase trinta anos...

Margareth: Quase trinta anos...

Valter: De televisão.

Margareth: E o senhor trabalhou durante todo esse tempo, como técnico....

Valter: Exatamente. Eu dava assistência técnica em Ressaquinha, Madre de Deus, Ibertioga, Barroso, Santa Bárbara do Tugúrio. Também dei assistência a cidades de porte pequeno, eu era muito conhecido, e graças a Deus, pela minha honestidade e competência. Eu sempre fui muito dedicado. Acompanhava, constantemente livros, revistas técnicas, assinava várias revistas, como a Revista Eletrônica, a Revista Rádio e Televisão, a Revista Eletrônica Popular, além de livros, e eu sempre procurava os catálogos novos, as edições mais recentes. A televisão em cores, eu cheguei a estudar a televisão em cores, quando nem se



falava em televisão em cores no Brasil, só nos Estados Unidos. Eu já estudava sobre o processo de transmissão, como era o processo lá da separação, das portadoras de cor, de áudio e de vídeo, como era o processo feito dentro dos canais, tudo isso eu já estudava na época. Inclusive eu comprei um computador, uns seis meses antes de sofrer o acidente, em oitenta e três, quando o computador já começava a aparecer no Brasil, principalmente em São Paulo, mas por aqui, era coisa raríssima. Eu já estava estudando, por correspondência, numa escola do Paraná, intitulada, Instituto de Pesquisas Eletrônicas de Televisão, no Paraná. Esse curso, eu comecei fazendo, estudando álgebra avançada e computação. Tenho até hoje algumas apostilas, guardadas da época. Claro, hoje, são completamente inaplicáveis, mudaram a tecnologia...

Eu estou citando isso para que você sinta o interesse que eu sempre tive pela área da tecnologia, sempre foi o meu fraco...

Por isso que, esse acidente automobilístico que me deixou cego me feriu muito...(Choro)

E eu fiquei muito emotivo, eu peço que você me perdoe as falhas dessa entrevista..

Margareth: Sr Valter, foi um prazer ouvir suas memórias e sua paixão pela tecnologia da TV. Muito obrigada!

Valter: Me permita te falar, mas quem tem que agradecer sou eu, por merecer uma entrevista de uma pessoa como você. Muito Obrigado!

Conclusão

Após esta entrevista, vaguei pelas ruas desta cidade e subi no alto de uma montanha e fiquei contemplando as antenas espalhadas nas montanhas desta região e em todas as antenas das minúsculas casas espalhadas nas bordas destes campos.

Segundo De Fleur, (1993, p.128)



“Realmente, o televisor rapidamente virou símbolo de posição sócio-econômica. No início de sua difusão, as famílias que mal podiam dispor de recursos para adquirir um receptor, às vezes economizavam em artigos de primeira necessidade para poder comprá-lo... A ânsia de ser identificado como dono de um televisor, no período inicial da difusão, foi tão forte que em alguns casos disse-se que famílias teriam comprado e instalado antenas no telhado antes mesmo de terem receptores para ligar”.

Fiquei a imaginar o Sr Valter no vigor de sua idade e ainda possuindo visão, enfrentando as chuvas torrenciais, as quedas de energia elétrica para instalar e consertar antenas e aparelhos de TV, tentando melhorar cada vez mais a qualidade das imagens e das cores nos aparelhos de TV. Imagens e cores que ficaram apenas em sua memória desde seu acidente automobilístico que o impediu de certa forma de ver cores e imagens, mas que não o impediu de sonhar e de se emocionar com elas.

Como DE FLEUR relata:

“A tecnologia eletrônica da televisão foi concebida durante os anos 20 e 30. Em 1939, estavam sendo realizadas transmissões de televisão nos Estados Unidos. Em 1941, a FCC aprovou a televisão doméstica e a indústria da comunicação começou a preparar planos minuciosos para sua implantação. A esta altura, já havia quase 5.0000 televisores (principalmente na área de Nova York) em mão de particulares, e diversas pequenas estações estavam transmitindo regularmente duas a três horas por dia”.

Pensando nas pesquisas do Sr Valter e nas pesquisas de DE FLEUR, concluímos que o período dos anos 50 foi de difusão rápida. Em 1960 muitas casas já tinham pelo menos um televisor. Na década de setenta, os televisores em cores tornaram-se mais comuns. O que percebemos é uma ascensão da tecnologia. Após 1975, mais ou menos os japoneses invadem o mercado americano com aparelhos de boa qualidade e de preço baixo.

Na década de oitenta, chega a televisão a Cabo, o que acarretou novas alterações. Rapidamente passaram a ser utilizados para transmitir programas de televisão a grandes distâncias.

Os avanços tecnológicos são matéria de pensamento para muitos cidadãos, estejam onde estiverem.

Referências:

BOM MEIHY S, José Carlos. Manual de história oral. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

DEFLEUR, Melvin L. ; **BALL-ROKEACH**, Sandra. Teorias da Comunicação de Massa. Jorge Zahar Editor, 1993.